

HABITAR AS FRONTEIRAS<sup>1</sup>

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA\*

## RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a escrita poética em duas línguas, no caso, o português e o italiano, e sobre dinâmicas e questões ligadas à posição da autora, que optou por habitar espaços de fronteiras linguísticas, geográficas e existenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bilinguismo poética, Poesia de Vera Lúcia de Oliveira, Poesia brasileira, Poesia contemporânea.

“Per aver sbirciato di persona oltre il limite, capisco meglio il significato del suo sguardo, incapace di vedere la fiamma della candela, ma grande abbastanza da abbracciare l’intero universo, e abbastanza acuto da penetrare in tutti i cuori che battono nella tenebra.” Joseph Conrad

Afirma George Steiner que toda língua abre uma janela específica sobre a vida e o mundo. E acrescenta ainda: “Curiosamente, há línguas que parecem se debruçar habitualmente sobre janelas abertas, enquanto outras parecem se voltar para dentro e perscrutar por estreitas persianas.” (STEINER, 2009, p. 110) Essas palavras parecem tão apropriadas para as duas línguas que me habitam que sinto quase como se tivessem sido escritas para mim. Com efeito, com uma das línguas me debruço sobre a realidade do mundo e nela mergulho, enquanto que com a outra exploro a alma e cada canto e recanto obscuro da consciência.

Nas relações e dinâmicas entre as línguas, em indivíduos bilíngues ou multilíngues, quando é que a língua do Outro começa a ser a nossa língua? E por que queremos a língua do Outro? Que necessidade nos

\* Poeta, ensaísta, pesquisadora e professora de Literatura Portuguesa e Brasileira no Departamento de Letras, da Università degli Studi di Perugia, Itália. E-mail: veralucia.deoliveira.m@gmail.com. Site: <http://www.veraluciadeoliveira.it>.

leva em direção a um código linguístico diverso, que se adquire com fadiga e esforço? Sabe-se que, com a globalização, é normal, e eu diria essencial, aprender pelo menos uma outra língua para viajar, trabalhar ou estudar. Não é desse habitar em superfície uma língua estrangeira que eu falo. Falo de um habitar diferente, de um fenômeno crescente em literatura, ou seja, o de escritores que utilizam dois ou mais idiomas em suas obras. E aqui, convém sublinhar o fato que, para escrever, é necessário conhecer tão profundamente um código linguístico e dominar tão cabalmente suas regras para poder violá-los, se necessário, criando novos modos de dizer, cunhando neologismos, fundindo registros e renovando estruturas e termos obsoletos.

No caso da poesia, tudo isso é ainda mais pertinente, pois ela é algo de visceral, tanto para quem escreve quanto para quem lê. A poesia sonda os meandros desse poço que chamamos consciência, com a sua parte em penumbra, e a desnuda, por vezes com pudor, outras vezes implacavelmente. E para fazê-lo, para nomear o mundo e nomear a si mesma, a poesia precisa de um código linguístico também visceral, plástico, perfumado de leite e saliva, impregnado de lágrima e suor. É a língua das primeiras experiências, sensações e emoções, é a língua da mãe. A poesia está para a língua materna como a pele está para o corpo e o ar para o pulmão. Visto, pois, o esforço e o trabalho intensos ligados ao ato de escrever, por que um autor deveria investir energias, forças e tempo para adquirir, da mesma maneira, um outro código linguístico? Por que alguns autores precisam de uma segunda língua? Não lhes basta a própria? E que relação estabelecem com esta, que odor, que sabor terá a língua do Outro? O que o leva ao estranhamento de um território que ele percorre – ou pelo menos gostaria e deveria fazer – como se fosse o seu, aliás, que torna seu?

Essas são questões que não podem ter uma única resposta, porque as situações que nos levam, por casualidade ou por escolha, a viver em outro idioma podem ser tantas. Pelo que me lembro, vivi o processo de aquisição do italiano com os olhos escancarados e precisava tocar as coisas e repetir seus nomes, cheirá-las, quase lambê-las, para experimentar o sabor e assim associar os novos nomes ao que eles representavam. Por algum tempo vivi em estado de descoberta e surpresa perenes, mas também de total estranhamento. Se na primeira infância eu estabelecia automaticamente uma relação entre os dois

planos, o da língua (o português brasileiro) e o da vida, para o italiano isso não era mais espontâneo, nem possível. Não havia nenhuma razão real para que algo devesse se chamar prato, garfo, tigela ou colher. Aquela língua não descia, assim, ao coração, passava pela cabeça, mas não atravessava de lado a lado o corpo. E eu disse a mim mesma: não é a minha língua, ela me rejeita.

Essa sensação de estar suspensa no ar, em que eu tentava usar uma língua não minha para nomear o meu mundo, durou meses e mesmo anos. Então, algo mudou. E descobri que eu poderia atravessar o umbral do outro universo somente se nascesse de novo, deixando que aquele código linguístico passasse por meu corpo, colasse em minha pele, entrasse em minha alma, sondando sendas e recessos aparentemente desabitados, interstícios sem língua e identidade, pertencentes a territórios obscuros que temos dentro de nós. E aquelas novas palavras abriam portas, sem que eu nem mesmo precisasse bater; funcionavam como uma vara de pesca, que eu lançava sobre o nada e ela retornava sempre com algum peixe de vivência e de memória. Então, e só então, percebi que cada uma das duas línguas tem o seu âmbito, a sua perspectiva e a sua densidade.

Em português, fixar algo na memória se diz “aprender de cor”, como em francês *apprendre par coeur* (DERRIDA, 2012, p. 88). Em italiano, temos *ricordare*, do latim *recordari*, derivado de *cor cordis*, “cuore”, isto é, *imparare con il cuore* (aprender com o coração)<sup>2</sup>. Afirmo Jacques Derrida: “Não há poema sem incidentes, não há poema que não abra como uma ferida, da mesma forma que não há poema que não fira. Eu definiria poema um encantamento áfono, a ferida surda que desejo que você me ensine de cor, (*par coeur*)” (DERRIDA, 2012, p. 90). Quando a língua do Outro encontra a chave para abrir essa ferida, então sim, podemos dizer: ela é nossa, passou pelo corpo adentro, mastigada, engolida com a saliva.

Um dos primeiros textos que escrevi em italiano foi o livro *La guarigione* (OLIVEIRA, 2000), dedicado à minha mãe. Ela, contudo, não sabe o italiano e não pode lê-lo nem entendê-lo. Nesse livro, entre tantas reflexões, há uma que diz respeito à minha relação com ela e os poemas seguem-se, uns aos outros, sem títulos, como parte de um poema maior, que narra – parece-me – esse nascer de novo em outra língua, esse ser moldado com outra música de fundo (e quem

me conhece sabe quanto para mim é importante a música: tudo o que existe tem uma música intrínseca). Penso que nasci de novo naquele livro e o italiano me deu a possibilidade de um outro parto, de um distanciamento de casa, para poder ver mais e depois retornar, diversa e, quem sabe, curada.

O italiano, desde então, eu o sei “de cor”, no sentido que ele me atravessa e com ele atravesso a superfície do mundo. O português, por outro lado, é paciente e materno, me envolve e me acompanha quando devo dizer coisas que me levam de volta à areia e à lama branquíssimas de minha cidade, ao terço do quintal de casa, às paredes do ventre de minha mãe, pelo qual comecei a perceber os ruídos. Hoje posso dizer que tenho duas casas e que habito ambas.

Um dos temas dessa minha reflexão é a errância, que pressupõe a transposição de fronteiras, um andar à deriva, um ir além dos horizontes visíveis, reais ou imaginários. E então é necessário que indaguemos: o que é a fronteira? É um espaço físico ou uma linha convencional que separa um país do outro? É um território interior, o próprio limite da nossa identidade, a distância que pomos entre o nosso ser e o Outro?

Fronteira é conceito afim a limite, limiar, confim. A fronteira pode ser um muro, uma prisão, mas também uma ponte para outros universos, uma abertura por onde se passa para poder crescer e saber mais sobre nós mesmos e o mundo. E toda e qualquer fronteira nos põe em crise e nos desafia. Cruzá-la provoca um desequilíbrio, uma desorientação, pelo menos inicial, um “spaesamento”, na expressão italiana, entendendo pelo termo, literalmente, “ser sem país”, o que não significa ser sem uma identidade ou uma cultura específica. Cada um de nós tem dentro um país que apenas parcialmente coincide com o do nome que aparece em nosso passaporte.

Por vocação, profissão, necessidade ou escolha alguns vivem na fronteira, ou seja, é como se a linha da fronteira passasse por sobre o ser. No que me diz respeito, essa sempre foi a minha condição objetiva e existencial. Cresci em um bairro semiperiférico de uma cidade do interior de São Paulo. Meu pai era trabalhador de uma empresa de eletricidade; nós não éramos excessivamente pobres, mas nem ricos. Era um estar no meio, era um estar nas bordas, em um país onde a classe média praticante não existia. Com a sociedade brasileira organizada em forma de pirâmide social e econômica (e isso era, então, muito mais

acentuado do que hoje) de um centro rico e bem organizado, a paisagem se degradava sempre mais em direção aos subúrbios, passando de uma riqueza exibida com ostentação a uma pobreza decorosa, até a penúria mais desolada dos últimos.

Eu habitava, portanto, uma zona de fronteira e a cruzava continuamente a cada dia, quando ia e voltava da escola. Os meus pais nos tinham matriculado em uma escola pública localizada na periferia, que lhes pareceu apropriada para nós. Era um ótimo colégio e os professores faziam um trabalho admirável, procurando dar, a tantas crianças, possibilidades de um futuro melhor. Havia outros institutos escolares mais bem equipados no centro, mas talvez nós teríamos sentido embaraço, pois certamente não tínhamos as roupas e os sapatos da moda, como as crianças ricas.

Para ir à escola, tinha que atravessar um doloroso confim, passando por ruas e casas cada vez mais pobres. Cresci com um sentimento permanente de mal-estar e todos os dias, para mim, aquela era uma viagem na dor. Fazia tantas perguntas aos meus professores, perguntas desconfortáveis naquele momento, já que vivíamos sob uma ditadura, perguntas talvez pueris, mas que resumiam o meu sentimento de estranhamento. Por que o mundo era assim?; por que aquelas crianças não iam à escola como nós?; por que nos olhavam, do lado de fora do pátio da escola, comer o nosso bom lanche, preparado com carinho por nossas mães?

Comecei, então, a escrever, a imaginar como me sentiria do outro lado do muro, a imaginar que deixava minha identidade e me adentrava na de outras pessoas, para ver o mundo a partir dessa ótica de rejeição e abandono. Habitei a fronteira desde sempre e penso que, talvez, no fundo, esta seja a minha dimensão e a minha posição no mundo. Crescendo, outros limiares se abriam ou se fechavam.

Dizem que as primeiras experiências da vida são as mais intensas e, portanto, que a infância seria o período que mais deixa marcas, mais plasma e forma um indivíduo. Se isto é verdade, como creio, também o meu nomadismo e a minha errância têm raízes precoces. Em minha primeira infância, a família teve, por alguns anos, um espírito nômade, mudando constantemente de casa e cidade, segundo as exigências de trabalho de meu pai. Creio que derive desta circunstância a rejeição de minha mãe por qualquer tipo de mudança ou de viagem e, sempre

daí, ao contrário, venha a minha tendência a não ficar parada por muito tempo em nenhum lugar, a fazer como as andorinhas que sentem o vento e sabem quando é o momento de partir e de migrar... É claro que as exigências práticas da vida me impediram de seguir tal tendência e tive que pôr raízes, embora o impulso seria o de continuar a caminhar.

Dois anos atrás, em agosto de 2014, lancei em São Paulo o livro *O músculo amargo do mundo*. É uma obra escrita sete ou oito anos antes. As poesias que a compõem são curtas e ligadas entre elas, de modo a formar um único poema. Escrevi-as de impulso e sem interrupção, depois de um período passado em São Paulo, megalópole de vinte milhões de habitantes. É um livro difícil, porque há, nele, uma focalização da realidade de baixo para cima, pela perspectiva de quem vive às margens, de quem habita as fronteiras das nossas cidades, de quem é invisível.

Disse que o escrevi depois de um período passado em São Paulo, cidade da qual, paradoxalmente, gosto muito. Amo andar pelo seu centro antigo, onde em um perímetro geográfico relativamente curto se concentram tantos aspectos da sociedade brasileira. Velhos edifícios, que conseguiram se salvar da especulação imobiliária (alguns dos quais são sedes históricas de alguns dos maiores bancos do país), ruas e praças que parecem um formigueiro humano, algumas especializadas no comércio de ouro e pedras preciosas, frequentadas por turistas endinheirados, ao lado de outras habitadas por uma humanidade errante, aportada de todas as partes do país, expulsa de todas as periferias desta grande nação.

Os poemas vieram-me à mente, ainda em modo vago, enquanto sozinha girava confusa entre milhares de pessoas, sempre atrasadas para alguma coisa. Sentia-me profundamente tocada, como sempre, pela contradição evidente entre os magníficos palácios, vigiados como fortins de guerra, e a multidão vária e carente em torno, alguns vendendo algo, outros pedindo esmolas, outros imóveis em um mundo próprio de alienação física e mental. E, não obstante o fato que ocupassem os mesmos metros quadrados de calçadas e ruas, não havia fronteira mais nítida e marcada do que essa.

Olhava de baixo para cima, de fora para dentro, um dentro ostensivamente protegido e blindado. Senti-me, então, um daqueles

fantasmas errantes, sem família e casa, sem identidade e direção aonde ir. Ouvia as vozes, os lamentos, os perjúrios, como se o meu ouvido se tivesse ampliado e tudo me pareceu tão triste daquela posição...

De volta à Itália, não conseguia afastar essa sensação de abatimento físico e moral e assim nasceu *O músculo amargo do mundo*, que esperei para publicar, porque me parecia que, talvez, as pessoas pudessem não acolher essas palavras feridas e contundentes.

Há um percurso no meu trabalho de escritora, que para mim tem sua coerência interna, embora, visto de fora, por outros leitores, ele possa não ter o mesmo significado que tem para mim. Uma das minhas reflexões, desde o início, diz respeito à dor e à morte, à impossibilidade de evitá-las, à completa insensatez e desperdício da natureza que é a morte em si da consciência, de cada individualidade, bem como a pena que isso me causa, assim como o desejo que tenho de arrancar desse fluir insensato e vão de tantas vidas algo de eterno, um momento, um gesto, uma palavra, de cada uma das pessoas que encontro. E talvez, mais do que a morte, me perturbe a dor, a sua falta de sentido, que é uma ferida para a consciência. A dor não salva, ao contrário, com frequência ela anula completamente o indivíduo, tornando impossível que ele realize suas potencialidades. E se, por ventura, algum benefício vem da dor, é porque o ser humano é capaz de transformar o mal em bem.

A poesia é para mim uma forma de habitar o mundo e de possuí-lo com todos os sentidos e a consciência. Os poetas são cientistas da alma, forçam portas que não se abrem, perscrutam espaços obscuros do ser, caminham pelas bordas e às vezes são engolidos pelo abismo do mistério humano. A poesia é, de fato, uma forma de conhecimento muito profundo. O poeta parte para a sua viagem num pequeno barco de papel, jogado por todos os lados dentro e fora da alma. Às vezes, no meio da viagem, naufraga, ou então se adentra por um pedaço desconhecido de mar. Para mim, cada língua é esse barquinho e cada uma delas nos leva para uma viagem diferente.

No livro *Cuore di tenebra*, de Joseph Conrad, o narrador, Malow, fala sobre a sua experiência chocante de contato com o mal absoluto e com a morte, personificados em um homem de qualidades e inteligência extraordinárias, mas também de uma enorme ambição. Sem as rédeas das leis sociais, esse personagem, Kurtz, atravessa todos os limites proibidos e chega a territórios inimagináveis de degradação humana.

Malow, o narrador, se sente atraído por aquelas portas que se abrem, enquanto o outro, em agonia, vê a vida passar-lhe diante dos olhos e fala o tempo todo, febricitante, sobre o vórtice por onde se adentrou e que agora o reclama. Malow é um personagem com o qual me identifico muito. Tem sede de conhecimento e gostaria de poder debruçar-se e indagar tais profundidades, cujas fimbrias o roçam: “A sua era uma treva impenetrável. E via-o como se poderia observar um homem que jaz no fundo de um precipício, onde nunca brilha o sol” (CONRAD, 2014, p. 100). Por sabedoria ou talvez por instinto de conservação, Malow permanece nas orlas, não passa por elas, embora chegue até a roçá-las: “É o seu momento extremo que eu pareço ter vivido. Certo, ele deu também o último passo, foi até o fim, enquanto que a mim foi concedido que retirasse o pé hesitante. E talvez a diferença esteja toda aqui; talvez a sabedoria, a verdade e a sinceridade estejam inteiramente contidas nesse momento efêmero, em que cruzamos o limiar do invisível” (CONRAD, 2014, p. 102-103).

Experimentar a fronteira, frequentá-la, habitá-la, é ser sempre estrangeiro e viver o estranhamento como condição, como descobre o personagem de Conrad, quando tenta retomar a sua vida e não consegue. E, no entanto, por quão incômoda seja, a fronteira oferece uma dupla perspectiva, aguça o olhar crítico sobre as coisas e abre um espaço de liberdade interior. “Faz parte da moral – afirma Adorno – nunca se sentir em casa” (ADORNO, 1994, p. 35). E não se sentir em casa, acrescentamos, é cultivar a dissonância e a resistência em relação às ideias e ideologias de poder.

Giorgio Agamben define contemporâneo àquele que não coincide com o seu tempo. É por esse deslocamento e anacronismo que ele consegue perceber, mais do que outros, o momento em que vive. Falando sobre o poeta Osip Mandel’shtam, Agamben afirma: “O poeta contemporâneo, na qualidade de contemporâneo, é essa fratura, é o que impede que o tempo se componha e, ao mesmo tempo, é o sangue que deve suturar a fratura” (AGAMBEN, 2009, p. 58-59). Quem coincide com o seu tempo e a ele adere totalmente não tem uma perspectiva diferente por onde olhar. É a dissonância, a ruptura e um anacronismo peculiar – que não é ausência nem alienação – que possibilita ao poeta e a cada um de nós poder ver melhor o tempo e o lugar em que estamos imersos (AGAMBEN, 2009, p. 59).



Hoje, em um mundo em que prevalecem as defesas intransigentes de minúsculas pátrias – o meu país, a minha religião, a minha cultura, a minha casa, a minha rua e assim por diante –, habitar a fronteira é um desafio, é ir contra a corrente, é se recusar a fechar-se e a ter certezas e identidades monolíticas. Eu sou todos os lugares do mundo que conheci, visitei e vivi e trago comigo, sempre, um pouco de cada um deles.

## HOST THE BORDERS

### ABSTRACT

The text presents a reflection on poetic writing in two languages, in this case Portuguese and Italian, and on dynamics and issues related to the author's position, which has chosen to inhabit border, linguistic, geographical and existential spaces.

KEYWORDS: Bilingualism, Poetic, Poetry by Vera Lúcia de Oliveira, Brazilian poetry, Contemporary poetry.

---

## HABITAR FRONTERAS

### RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la escritura poética en dos idiomas, en este caso, portugués e italiano, y en la dinámica y las cuestiones relacionadas con la posición del autor, que ha elegido habitar espacios límites, lingüísticos, geográficos y existenciales.

PALABRAS CLAVE: Bilingüismo, Poética, Poesía de Vera Lúcia de Oliveira, Poesía brasileña, Poesía contemporánea.

---

## NOTAS

- 1 Este trabalho foi apresentado na mesa redonda “La poesia possibile in tempo di crisi/A poesia possível em tempos de crise”, no âmbito do *I Congresso Culture e Letterature in Dialogo: identità in movimento*, ocorrido entre os dias 12 e 14 de maio de 2016, na Università degli Studi di Perugia, Itália.

- 2 “As traduções do italiano, quando não indicado diversamente na bibliografia, são de autoria da própria autora.”

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Mínima morali – Meditazioni della vita offesa*. Tradução: R. Solmi. Torino: Einaudi, 1994.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: V. N. Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CONRAD, Joseph. *Cuore di tenebra*. Tradução: E. Capriolo. Milano, Itália: Feltrinelli, 2014.

DERRIDA, Jacques. Che cos'è la poesia (1988). In: FERRARIS, Maurizio (a cura di). *Pensiero – Che cosa significa pensare?* Roma: La Biblioteca di Repubblica, Gruppo Editoriale L'Espresso, 2012, p. 87-91.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *La guarigione*. Senigallia, Itália: La Fenice, 2000.

\_\_\_\_\_. *Il denso delle cose*. Nardò (Lecce), Itália: Besa Editrice, 2007.

\_\_\_\_\_. *O músculo amargo do mundo*. São Paulo: Editora Escrituras, 2014.

STEINER, George. *Errata: revisões de uma vida*. Tradução: M. V. do Gato. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

---

Submetido em 29 de dezembro de 2016.

Aceito em 30 de janeiro de 2017.

Publicado em 12 junho de 2017.

---